

O AUTO DOS 99%

Onde se vê como a Universidade capricha no subdesenvolvimento

Elaborado em março deste ano (1962), por uma equipe do Centro Popular de Cultura, da União Nacional dos Estudantes, o Auto dos 99% significou, desde logo, uma das tentativas mais eficazes para a conscientização da massa estudantil com vistas a uma inadiável Reforma Universitária que, por aquela mesma época, voltava a ser debatida no II Seminário Nacional de Reforma Universitária, realizado em Curitiba.

Percorrendo todas as capitais brasileiras, juntamente com diversos outros textos apresentados pela UNE-volante, o Auto dos 99% fez com que, pela primeira vez, se levantasse o problema da Universidade no Brasil em termos realmente amplos e populares. E, já por ocasião da greve geral pela participação de 1/3 nos órgãos universitários, os estudantes, ao tentarem levar ao povo, em praça pública, uma questão que sobretudo a eles e ao povo dizia respeito, tiveram de enfrentar a ação policial que lhes impediu de encenarem aquele Auto.

O texto, inédito como publicação, agora apresentado é apenas o arca-bouço básico, já que uma de suas características marcantes é a extrema flexibilidade, dependendo da ocasião e do público a que se dirige.

(Nota de apresentação da peça quando de sua 1.ª edição pela revista Tempo Brasileiro)

Equipe de redação do Centro Popular de Cultura
da União Nacional de Estudantes

TEXTO

Antônio Carlos Fontoura
Armando Costa
Carlos Estevam
Cecil Thiré

Marco Aurélio Garcia
Oduvaldo Vianna Filho

MÚSICA

Armando Costa
Luís Carlos Saldanha
Cecil Thiré
Marco Aurélio Garcia

Sem a colaboração da Universidade esta peça jamais poderia ser escrita.

VOZ — Tudo era silêncio na imensa terra verde e imensa, debruçada no céu a convidar os homens à humanidade. Terra verde a prometer futuro. Tudo era silêncio.

Verdade que os rios cascalhavam um murmúrio eterno, os passarinhos pipilavam facetos, as árvores gemiam sua imobilidade no ouvido dos ventos. Mas água cascalhando, passarinho pipilando e árvore gemendo não quebram silêncio em prólogo de peça embuído de doce e nacional lirismo.

Portanto: tudo era silêncio.

Água. Ah! Enxurradas de água, despotismos de água, impérios de água a prometer um povo limpo, cheiroso e macio. Naquela época havia água. É incontestável. Inúmeros documentos provam a existência de água no Brasil. Imenso Brasil, gordo Brasil, sumarento Brasil a jurar um brasileiro salomônico, cristalino, carregado de abraços e sorrisos e calma e paixão e verdade. Um povo a semear verdade e riso.

Mas, eis que... Eis que. Oh! Eis que então, oh!, então cá chegaram os portugueses. E então... Então começou o pega pra capar. Começou a nossa história do salve-se quem puder. Começou a história do Brasil, que já foi história de todo o mundo, de tudo quanto é país grande, de tudo quanto é baronete, condessa, peralvilho, mandrião que se espalharam pelos séculos.

História que já foi de todos, de todos, menos do Brasil. Brasil seco, mirrado, de costela de fora, de pires na mão.

Do outro Brasil só ficou o silêncio. Árvore secou. Passarinho, a Casa da Banha vende e diz que é frango. Água, Lacerda escondeu. Fartura. Verdura. Fartura e verdura voaram. Vamos começar da época em que tudo era verde...

(Entram dois índios em cena.)

ÍNDIO 1 — (Entra com caça.) Índio eu deu boa caçada.

ÍNDIO 2 — Índio eu não deu boa caçada.

INDIO 1 — Índio eu dividir com índio você.
 INDIO 2 — Meio a meio. Boa! Boa! (*Dividem a caça. Mostra uma fruta.*) Índio eu achou fruta.
 INDIO 1 — Índio eu não achou fruta.
 INDIO 2 — Rachar! Rachar! (*Entram mais índios. Dividem potes, cachimbos, comida.*)
 CORO — Pacapá, pacapá.
 Se tem muito papapá
 Passa pá cá, passa pá cá.
 Divide papá.
 Divide comida.
 Vida encomprida.
 Tem papapá?
 Passa pá cá, passa pá cá.
 (*Entram os portugueses. Cabral assopra a vela que Caminha segura. Um padre. Os índios recuam em círculos. Olham tudo.*)
 CAMINHA — Ó Cabral, tenho reparado, faz dois meses a caravela não avança mais.
 CABRAL — Não tenho deixado de perceber isso, ó, Caminha. Mas por muito que me ponha a matutar, não atino com a causa.
 CAMINHA — (*Cheira.*) Cá entre nós. Há dois meses que não me vem às narinas aquele agradável odor de maresia.
 CABRAL — Sabes, ó, Escriba? Cá entre nós: às vezes chego a desconfiar que já estamos em cima d'alguma terrinha.
 CAMINHA — (*Entrega a vela ao padre.*) Vou ver isso. Agüentai a mão um instante, Reverendíssimo. (*Dá alguns passos. Olha.*) Pois, pois, mestre Cabral. Não é que estamos mesmo em cima do Brasil?
 CABRAL — Pois, pois. Se cá estamos, ousou dizer que é porque cá chegamos. Se assim é, ora bolas, está descoberto o Brasil!
 (*Dançam o Vira e cantam.*)
 OS DOIS — Ai que rico — descobrimos o Brasil.
 Ai que rico — uma terra d'além mar.
 Ai que rico — dia 21 de abril.
 Ai que rico — uma terrinha pra explorar.
 CORO — (*Dos índios.*) Foi seu Cabral,
 Foi seu Cabral,
 No dia 21 de abril,
 Dois meses depois do carnaval,
 Começando a exploração nacional.
 CAMINHA — (*Escrevendo andando pelo palco.*) Fregosa terra a nova terra, El-Rei. Muita coisa nos há de render, posto que é terra em que se plantando tudo dá e os nativos levam os cornos mais trouxas que meus olhos já tiveram oportunidade de ver. El-Rei, acredite: é mole! É mole, El-Rei! Como vão as hemorróidas, Alteza? Quero-lhe bem, queira-me bem. Se essa caravela não se desviar outra vez, aí estaremos para as bacanais setembrinas. Guardai-nos cortesãs, Alteza! Caprichai, El-Rei, que levamos novo alento às nossas burras. Um abraço e um queijo. (*À Cabral.*) Vamos à vida, ó, Cabral. (*Saem. O padre se ajoelha para rezar.*)
 INDIO 1 — (*Aponta flecha.*) Índio eu vai dar flechada no Coisa Preta.
 INDIO 2 — Coisa Preta garantir papá pra três luas.
 PADRE — Abaxare flecham que apontam ad me. Mi ve-

nito cumo amigorum do peitum. Abaxare flecham!
 Abaxare flecham!
 INDIO 1 — Coisa Preta fala!
 INDIO 2 — Taca flecha nele!
 PADRE — Venito cumo amigorum. Maneiraibus! Maneiraibus!
 CORO — Chô, chô, Coisa Preta. Chô, chô! (*Os índios recuam. O padre sorrindo. O índio dá um berro e cai no chão. Silêncio.*)
 VOZES — Índio vai morrer! Índio está morre não morre. Foi Tupã! Tupã está zangado com Coisa Preta. Tupã castigou índio porque índio viu Coisa Preta. Vai morrer!
 CORO — Índio melhor caçador,
 Índio melhor caçador,
 Tem dor,
 Tem dor,
 Índio vai morrer:
 Vai diminuir o que comer.
 PADRE — (*Avança entre os índios.*) Com licençorum. Com licençorum. (*Ajoelha-se ao lado do índio que estrebucha. Os índios choram. O padre tira um espinho do pé do índio.*) Essere somentem um espinhorum que entrou no pesorum delem. Está curadorum da silva. (*O índio põe-se de pé. Os índios riem. Batem palmas. Aos poucos ajoelham-se na direção do padre.*)
 CORO (*Ao padre.*) Tupã! Tu és Tupã! Tu és meu, Geraldina! Tupã! Tupã! Tupã! (*O padre sorri agradecido. O padre tira colares coloridos do bolso. Os índios quando avistam os colares pulam de satisfação. Estendem a mão para o padre.*) Buginganga. Buginganga. Bugingangorum. Ih!, que legal, meu! Que legal! Bonito às pampas! Buginganga!
 (*Cantam.*) Bugigangorum, bugigangorum.
 Índio quer bugiganga,
 Mesmo que continue de tanga.
 Parece que será essa a história do Brasil:
 Cheio de bugiganga,
 Sempre de tanga.
 Cheio de bugiganga,
 Sempre de tanga.
 Me dá. Me dá. Me dá.
 PADRE — Trabalharem. Trabalharem enton. Trabalharem em coisae dignificantii de homini e enton ganharibus bugigangorum. Non essere mais selvagem, com vergonhorum de forae. Non mais brigare, andare de barrigorum no chão atrás de bichorum. Trabalhorum garantido. Trabalhorum civilizado. Estarem vendum aquelas arvóreas? Essere Pau-Brasil. Pau-Brasil dá dinheiro às pamporum. Cortar arvóreas! Cortar arvóreas! (*Vai tirando as flechas dos índios e jogando no chão. Dá colar em troca. Os índios fazem mímica. Ao invés de cortar as árvores, eles empurram a árvore. O padre ri muito.*) Ah, ah, ah! Muito gozadorum. Non empurrare arvóreas. Essere mais mole cortar arvóreas. (*Dá um machadinho pra cada um. Tira tudo de dentro de um bolso enorme.*)
 INDIOS — Legal! Legal! (*Trabalham desordenados. Segurando mal a machadinha, mas trabalham.*)
 PADRE — (*Canta.*) Glória a Deo.

- Gloria a Deo.
Novas ovelhorum
Para vostro rebanhorum.
(*O padre se dirige ao índio que trabalha mais certo.*)
Tu trabalhou maisorum que os outros. Ganharibus mais colares. (*Dá mais colares para ele.*)
- ÍNDIOS — Eu quero. Eu queria. Ei!, seu pároco! Ei!
PADRE — Ganharibus mais só se trabalharibus mais.
ÍNDIOS — Quem está trabalhando é índio. Tudo índio. Precisa pagar índio. Um pagamento só.
PADRE — Non senhoribus. Essa essere onda de comunistorum. Mi paga para quem trahhorum maisorum. Cada um por si et Deo por todos... (*Os índios voltam a trabalhar.*)
- ÍNDIO 2 — Isso de cortar árvore encheu índio eu.
ÍNDIO 3 — Vamos caçar de novo.
ÍNDIO 4 — Coisa Preta diz que é feio caçar bicho. Ficar com a vergonha de fora. Coisa Preta não cura pé de quem anda com flecha. Coisa Preta não dá colar para quem anda com flecha. Coisa Preta diz que índio nunca mais vai passar fome no inverno.
- ÍNDIOS — O jeito é continuar cortando árvore. (*Traballham outra vez. Entra um português com um saco de farinha e uma colher de pau.*)
- PORTUG. — (*Ao padre que ficou no canto da cena.*)
Sou Dom Fulano de Tal da Silva e Silva e tome Silva e lá vai Silva. El-Rei, Dom Manuel, o Exploradoroso, houve por bem ceder-me estas terras. Sou o donatário!
- PADRE — Benvenutorum, Excelência. Pode botar pra jambrar, Excelência. Os índios estão domesticados. Largaram a flecha. São todos fãs da Rádio Nacional... (*Os índios estão esfalfados. Param de trabalhar. Fazem fila para receber.*)
- PORTUG. — (*Ao primeiro.*) Dois troncos: uma colher de farinha. (*Ao outro.*) Quatro troncos: duas colheres de farinha.
- ÍNDIO 1 — Oito troncos.
PORTUG. — Muito bem! Muito Bem! Quatro colheres de farinha.
- ÍNDIO 1 — (*Pega o que ganhou.*) Rachar. Rachar. Rachar. (*Os outros índios pegam.*)
- CORO — Pacapá, pacapá.
Tem muito papapá?
Divide o papá.
Divide o papá.
(*Voltam a trabalhar.*)
- PORTUG. — (*Marca o ritmo.*) Um, dois; um, dois; um, dois...
- PADRE — (*Reza mas rápido.*) Glória a Deo. Glória a Deo.
(*Novamente a fila se forma.*)
- PORTUG. — Dois troncos. Meia colher de farinha.
ÍNDIO 2 — Uma colher! Uma colher!
PORTUG. — Meia colher. O preço do transporte aumentou. (*Ao outro.*) Quatro troncos: uma colher de farinha.
- ÍNDIO 1 — Oito troncos.
PORTUG. — Duas colheres de farinha.
ÍNDIO 1 — Que duas? Quatro!
PORTUG. — Duas e olhe lá.
ÍNDIOS — Rachar. Rachar.
- ÍNDIO 1 — Índio eu não rachar! Não chegar nem para índio eu. Não rachar!
ÍNDIOS — Rachar! Rachar!
ÍNDIO 1 — Rachar uma banana! Como disse Sagrada Coisa Preta (*Aponta o padre.*): cada um por si e Deus só na arquibancada.
ÍNDIO 1 — Mas que rachar? Rachar era no tempo em que a gente era selvagem.
ÍNDIOS — Vamos morrer de fome!
ÍNDIO 1 — Também estou passando mal. Ainda nem comprei a última bugiganga lançada pelos portuga. Tenho que cuidar das crianças.
ÍNDIOS — Não vamos mais cortar árvore! Vamos caçar outra vez! Vamos caçar outra vez! (*Vão saindo. Índio 1 fica cortando árvore.*) (*Português dá presentes ao Índio 1.*)
- PORTUG. — Façam como ele (*Aponta Índio 1*). Tem as melhores bugigangas do país. Porque sabe trabalhar. Obedece à marcação. Vão se danar, ó nativos! Vão se danar! Não tem mais caça. Água acabou. Nós derrubamos muitas árvores, ó, bocós de mola! Acabou árvore, acabou água, acabou bicho. Vão se danar, ó, nudistas! É melhor trabalhar comigo, ó, precursores dos nordestinos! (*Índio 1 fica trabalhando. O padre e o donatário que não participam dessa próxima cena vão para um canto.*)
- ÍNDIO 2 — (*Depois de procurar.*) Terminou a caça!
ÍNDIO 3 — Terminou água. Bicho foi embora.
ÍNDIO 2 — Terminou água. Tupã levou água embora.
ÍNDIO 3 — Mais forte que Tupã é o Deus do Coisa Preta!
ÍNDIO 2 — Coisa Preta sabe muita coisa!
ÍNDIO 3 — Marca a gente bater uma caixinha com ele. (*Ao padre, que se adianta.*) (*Rodeiam o padre.*)
- ÍNDIOS — Água acabou! Água acabou! Índio vai morrer! Índio vai morrer! Temos mais fome ainda. E o inverno não chegou. Vai tudo de mal a pior, ó, pároco. Índio vai morrer! Índio vai morrer!
- PADRE — Non, non, amigorum. Non dizere semelhantribus barbaridorum. Me cortarem coração. Non. Precisare trabalharem melhora. Voltar a trabalharem.
- ÍNDIOS — Não. Cortar árvore, não! Tupã castiga! Tupã castigou!
- PADRE — Tupanzorum? Mas quem essere Tupanzorum perto de Deo? Essere pinto! Essere pinto! Deo criato terra et ceu et água et árvore et etecetrorum. Mas Deo quer ver homini no batentorum. Aí, enton, Deo ajudar homini. Vocês cortarem arvéreas muito mal. Sem pacienciorum. Non podere! Precisarem aprender a trabalharem. (*Mostra o Índio 1, que continua a trabalhar.*) Ele sabe trabalhar. Trabalha para portuguesorum. Essere o precursor do Eugênio Gudin e do Gustavo Corção. Ele tem mais farinha... (*Pega um livro.*) Venite. Aprêndere. Aprêndere. Aprêndere. Conhecêre a voz de Deo. Aprêndere pacienciae. Aprêndere fé. Aprêndere esperança. Aprêndere a essere obediente, respeitoso e simpaticorum. Venito! (*Reune os índios.*) (*Resmungo.*) Deus dividiu os homens em dois tipos: os brasileiros e os inteligentes. Brasileiro trabalha, inteligente comanda...
- CORO — (*Depois de um tempo*) Rosa, rosae, rosam,

rosa, rosa. Rosa, rosae, rosam, rosa, rosa. Rosa, rosae, rosa, rosam, rosa, rosa...

(Cantam.) Gloria a Deo.

Gloria a Deo.

Mais ovelhorum

Para vastro rebanhorum.

PADRE — (Sorrindo.) Idebus para o batentorum. Idebus! (Os índios voltam para o trabalho. Estão cansados. Um cai. Um foge.)

ÍNDIO 2 — Não dá pé. Não dá pé. (O donatário dá um chicote para o Índio 1.)

ÍNDIO 1 — Trabalhar, índio bobo. Trabalhar!

ÍNDIOS — Não bater! Índio irmão! Não bater! (Índio 1 bate, bate. Os índios caem.)

PORTUG. — Não servem pra nada. Não servem para nada.

PADRE — Trabalhem, filhotorum meus. Glória a Deo. Glória a Deo.

ÍNDIOS — Glória, glória. Rosa, rosae, rosa, rosam, rosa, rosa... Rosa... (Um índio.) Fome, fome, fome...

ÍNDIOS — (Caem no chão.) Fome, fomei, fome...

PADRE — Rosa, rosae, rosa...

ÍNDIOS — Fome, fomei, fome... (Silêncio. O Índio 1 continua a dar chicotadas. Desiste.)

PORTUG. — Como é, ô Augusto Frederico Schimidt de tanga, seus amigos não trabalham?

ÍNDIO 1 — Não dá pé, Excelência. Índio não é gente. Índio é fogo. Perdoai-os, senhor, eles estão por fora da civilização. (Dá chicotadas e os índios começam a sair.)

CORO — (Saindo aos poucos.) Se o Brasil assim começa, Começa mal, seu Cabral.

Vai acabar tendo Lacerda,

Vai acabar dando Lacerda,

Se o Brasil começa nessa...

Nessa desorganização.

PORTUG. — Não dá pé! Não dá pé! Esse negócio de catequisar índios termina assim. Bondade dá nisso. Gastamos um dinheirão, eles pouco produzem, a Inglaterra a nos comer as vesículas. O melhor é usar gente acostumada a ter o cangote abaixado. O melhor é usar negro que negro não é gente, desde que Deus os pintou de preto para facilitar a distinção. Que venham os pretos! (Entram os pretos embromando um ponto de macumba triste.)

CORO — Iunga, iunga, iunga, jê.

Iunga, gê, iê, iê.

Esa vida é pra sofrer!

Trabalhando pra senhor,

Se sobrou alguma coisa,

Só sobrou a nossa dor.

Iunga, iunga, iunga, jê.

Iunga, gê, iê, iô.

(O donatário aponta o local onde os índios começaram a derrubar árvores. Os negros vão e empurram.)

ÍNDIO 1 — (Rindo.) Ah, ah, ah! Muito gozadorum. Muito gozadorum. Non empurrare arvoreas. Essere mais mole cortarem arvoreas. (Ri.) Selvagens! Rosa, rosae, rosa, rosam, rosa, rosa. (Marca o ritmo do trabalho. Dá chicotadas.)

NEGROS — (Cantam trabalhando.)

Ô, ô, ô,

Longe de nossa terra.

Ô, ô, ô,

Longe de nossa vida.

Ô, ô, ô,

A gente mesmo se enterra.

Ô, ô, ô,

Razão de viver perdida.

Ô, ô, ô,

Ogun a nossa dor.

Ô, ô, ô,

Vivendo a vida do senhor.

PORTUG. — Mais depressa! Mais depressa! Time is money! Inglês é fogo. Não brinca em serviço. Estão a nos arrancar até os bigodes! (O Índio 1 chicoteia mais depressa e aumenta o ritmo.)

ÍNDIO 1 — Rosa, rosae, rosa, rosam, rosa, rosa...

NEGROS — Ô, ô, ô,

A nossa infelicidade.

Ô, ô, ô,

Vimos ensinar saudade.

Ô, ô, ô,

Vimos aprender canseira.

ÍNDIO 1 — (Aumenta o ritmo.) Rosa, rosae, rosa, rosam, rosa, rosa.

NEGROS — Cháu! (Saem.)

(Entra um coro. Descrevem a luta de D. João VI e Napoleão, que também entram no palco. Napoleão corre atrás de Dom João VI.)

CORO — Lá em cima a correr vem D. João VI.

Cá em baixo a perseguir vem Napoleão. (Bis)

Juntaram-se os dois para lutar,

Foi um pega pra capar,

D. João VI se mandou.

Correu tanto D. João VI,

Correu tanto que só aqui parou. (Bis)

E para alegrar a sua vida,

Tanta coisa cá criou

E mais coisa nos levou.

Criou escolas, abriu portos, ora bolas,

E até a faculdade pros fidalgos inventou.

NAPOLÉÃO — Que vous pensez gordinho? Je te cotuque! Je te cotuque! (Sai.)

D. JOÃO — Ai! que tenho as nádegas em fogo de tanto correr! Pois, pois, já que temos de ficar nesta colônia, que se abram os portos, que se criem escolas e alfaiatarias e casas de pasto e basta de aporrinhacão! Que velham mulatas, os frangos e o meu rico dinheirinho! (Saindo. O coro sai atrás dele. Menos quatro que ficam.)

CORO — Seu João, ó, seu João!

Depois da tua vinda

Aumentou a esculhambação.

E para ficar na história,

Cobrir teu nome de glória,

Caprichaste na exploração.

CORO — (Os que ficaram são os candidatos a vestibular.)

Finalmente, finalmente!

O primeiro vestibular.

Felizmente, felizmente!

Não vão mais nos explorar.

Vamos estudar,

Vamos estudar,
Nos libertar.

PROF. — (*Entrando.*) Todos se saíram muito bem! As letras gordinhas, desenhadas à capricho, as provas muito bem perfumadas. Todos se saíram muito bem. Em sendo assim, será na prova de títulos que decidiremos o concurso. Por favor, queiram declinar seus títulos.

ALUNO — Cidadão português.

PROF. — Pronto! Passou! Passou, meu filho. Já está dentro. Sem choro nem vela. Não tem arreglo. Sem apelação. Vem de lá com um abraço! (*Abraçam-se.*)

CORO — Chegando a independência

Virá a nossa vez

Vai acabar a indecência

De só passar português.

(*Aluno e professor continuam abraçados. Entra um cara com uniforme de gala, bigodes, um pinico na mão. Entra um outro. Entrega-lhe uma carta. Ele lê sentado no pinico. Furioso.*)

HOMEM — Independência ou morte! Papel! . . .

PROF. — Patati, patatá, a independência foi proclamada, patati, patatá, os cambau, patati, mãe, patatá, patatá. Sendo assim, será na prova de títulos que decidiremos o concurso. Por favor, queiram declinar seus títulos.

ALUNO — Barão de Caçapava! Barão de Caçapava!

PROF. — Pronto. Passou, meu filho. Já está dentro. Embarcou direto. Ninguém rasga. Tu és meu, Caçapava! Vem meu Barão. Vem de abraço. Entra. Entra Caçapava. Vem de lá, Barãozinho! (*Abraçam-se.*)

CORO — Se a República chegar,

Vai acabar a sopa do nobre,

E na hora de estudar

Vai chegar a vez do pobre.

(*Entra um outro cara bigodudo de uniforme. Uma mulher vem até a entrada do palco.*)

MULHER — Não vais hoje à tertúlia?

DEODORO — Que é, Virgília?

MULHER — Não vais hoje à tertúlia?

DEODORO — Não.

MULHER — Não vais ao sarau?

DEODORO — Não.

MULHER — Ó, Deodoro! Aonde vais então?

DEODORO — Vou proclamar a República.

MULHER — O que é isso, Deodoro?

DEODORO — E lá sei eu? . . . (*Sai correndo. Lá dentro grita.*) Viva a República!

CORO — (*De dentro. Chôcho.*) Tá! Tá legal! Agora é República. Tá! Tá legal!

PROF. — Patati, patatá, a República foi proclamada, patatá, tatá. Queiram declinar seus títulos.

ALUNO — Filho do dono da fazenda Santa Parideira do Riacho da Mãe Descabelada, 30 mil alqueires!

PROF. — Pronto! Passou. Passou, meu filho. Já está dentro. Vem de lá, meu latifundiariozinho! Ninguém rasga, não. Embarcou!

CORO — Quando a máquina chegar

E o progresso precisar,

Não de anel de lata,

Não de título pra pendurar,

Mas de cabeça pra pensar,

Vai acabar a mamata

Do filho do fazendeiro

Vai acabar por inteiro

Diploma por dinheiro.

O Brasil vai pensar!

O Brasil vai pensar!

E se abrirá a faculdade.

Para toda a Humanidade,

Para o Brasil e sua felicidade!

PROF. — Agora, meus filhos, todos podem estudar!

Todos podem entrar para a faculdade. É o progresso! A máquina! Especialistas! Todos podem fazer vestibular. Todos! Todos que tiverem diploma de curso secundário. . . Queiram apresentar seus diplomas.

ALUNO — Bacharel em Ciências e Letras e Desportos Miúdos pelo Ginásio Anglo-Franco-Portuga-Americano. (*À platéia.*) Dez mil pratas por mês. Fora o lanchinho. . .

PROF. — Passou. Ninguém rasga. Vem de lá, meu bacharelete! Vem de lá! (*Sai abraçado com ele.*)

CORO — Então se abriu a faculdade

Para toda a Humanidade,

Para o Brasil e sua infelicidade!

(*O coro assume outra posição.*)

E então a gente viu

Pela peça até agora

Que aqui no Brasil

Fica sempre de fora,

Nessa coisa estudantil

De entrar para a faculdade,

Uma parte ponderável

De nossa mocidade. Salve! Salve!

Quem é analfabeto

CORO — 57%, 57%, 57%,

Não vai pra faculdade.

Quem não fez ginásial

CORO — 67%, 67%, 67%,

Não vai pra faculdade.

Quem não fez científico

CORO — 71%, 71%, 71%,

Não vai pra faculdade.

Quem não tem dinheiro ou vira beatnik

Não vai pra faculdade.

Deu: 99%, 99%, 99%.

Logo, entra na faculdade

Um por cento do povo brasileiro!

Viva o um por cento!

Viva o um por cento

Do povo do Brasil!

E o resto. . . e o resto. . . e o resto. . .

Vai ficar sem estudar. . .

(*Entra um bedel com bancos. Os alunos se sentam. O bedel vem com um violento sino.*)

BEDEL — Vai começar a aula. Vai começar a aula.

Dentro de cinco minutos (*O professor está sendo retirado do sarcófago.*) vai começar a aula. Vai começar.

Cinco minutos. (*Ao público.*) Terminada a fase negra do ensino no Brasil, entramos numa fase ainda mais negra do ensino no Brasil. . . (*Vai saindo.*)

Olha a aula! Não precisa aprender, basta comparecer. Olha a aula!

(*Sai um velhinho, o professor, do sarcófago.*)

CORO — Venha conhecer a Universidade,
Aqui se ensina infelicidade,
Aqui se aprende a maldade,
Aqui termina a humanidade.

VELHO — (*Todos param. Como se desse aula.*) A diferença entre suicídio e homicídio é uma questão de pontaria! . . .

CORO — Venha conhecer onde se ensina.
Aqui começa nossa triste sina.
A vida passando, a gente na esquina.
Não sei mais o que rima com ina!

VELHO — (*Tudo pára de novo.*) Quais são as causas da segunda guerra mundial? Ora, não houve causas! Os japoneses atacaram de surpresa. Como é que se pode saber as causas? Foi de surpresa! . . .

CORO — Aqui entram os mais inteligentes,
Que daqui saem tudo, menos gente.
Não há povo no mundo que agüente
Viver sua história como indigente!

VELHO — A coisa mais importante da medicina é o consultório. . . (*Retorna ao sarcófago.*) (*Aluno se aproxima do bedel.*)

ALUNO — E médico?

BEDEL — 200 contos!

ALUNO — 200 contos? E engenheiro?

BEDEL — 150 contos!

ALUNO — Chi! Advogado?

BEDEL — Cem!

ALUNO — É. . . Não dá. Me arranja um diploma de farmacêutico mesmo! . . .

CORO — Ah, ah, ah, ah!

A Universidade,

Que debilidade!

Ah, ah, ah, ah, ah!

(*Os alunos sentam. Entra um professor que fica estático, pronto para dar a primeira aula.*)

BEDEL — (*Passa na frente da cena, badalando.*)

Ciências Sociais. Ciências Sociais.

O homem é a sociedade.

Sociedade é o homem que faz.

É preciso estudar felicidade.

PROF. — Em nossa última aula, vimos e fizemos um exaustivo estudo da família, célula mater da sociedade, sobre a qual repousa toda a ordem constituída. Alguns sociólogos de vanguarda admitem que as características da família não são única e exclusivamente aquelas que por natureza divina ela possui. Dizem, os que assim pensam, que ela sofre, e não raras vezes, influências do meio e da sociedade que ela própria constitui. Ora, já vemos, portanto, de início uma contradição: se ela é de fato a célula mater da sociedade, como pode ser influenciada por esta? Ah! Sem sermos tão radicais como esses sociólogos, diremos, entretanto, que existem fatores que influenciam a família. Isto afirmamos, não levianamente, porém após anos e anos de pesquisa social que nos conferem relativa autoridade para abordarmos este assunto. Sofre influência a família, por exemplo, pelos meios de divulgação, como a televisão, rádio e

a imprensa. Neste último particular, julgamos de incalculável importância uma clara diferença numa das formas de imprensa: trata-se dos jornais, aos quais cumpre distinguir em dois tipos: os matutinos e os vespertinos. Por matutinos entendemos jornais que saem e devem ser lidos pela manhã. Por vespertinos entendemos os que saem e devem ser lidos à tarde. Os senhores talvez estejam inquietos por saber qual o significado desse *devem*, que eu mencionei no período anterior, ao dizer que os periódicos tais e tais *devem* ser lidos a tais e tais horas. Coloquei esse *devem* unicamente por rigor científico. Em verdade, nem sempre são os matutinos lidos pela manhã ou os vespertinos à tarde. Há quem os leia à tarde e à noite, respectivamente.

ALUNO — (*Com ar apalermado.*) Professor? Qual o papel das edições extras?

PROF. — Embora isto não conste da matéria, não me furtarei à resposta. As edições extras apresentam uma característica muito importante: tratam-se de jornais que trazem notícias de grande relevância, e, conseqüentemente, produzem sobre as famílias que os lêem um impacto de conseqüências imprevisíveis. . . Satisfeita a justa curiosidade do meu discípulo, complementarei esses esclarecimentos dizendo a quem se dirigem os jornais: a apenas uma classe social — a dos alfabetizados. Talvez os senhores nestes três anos de sociologia não tenham ainda tido contato com o conceito de classe social. Sem querer me aprofundar num problema que pouca magnitude apresenta para a sociologia, direi que classe social é um estado de espírito. Onde se conclui que se impõe cada vez mais uma atividade espiritual junto às camadas inferiores, a fim de fazer com que o operário, através de um processo psicológico de soerguimento de sua consciência, se transforme em homem da classe média e assim sucessivamente até atingir a perene felicidade da alma. Por hoje é só!

(*Terminada a aula. Escurece. O professor continua estático. Alunos também. Estudante vem para a frente.*)

(*Entram operários e mulheres com filhos no colo.*)

OPERÁRIO — Aumento! Aumento! Aumento!

ESTUD. — (*Faz um sinal. Param os gritos.*) Eu sei que vocês precisam de aumento de salário. Mas vocês, logo que ganham um pouco de dinheiro a mais, que é que fazem? Ao invés de comprar uma casa com jardim e quintal para a criançada brincar, ficam morando em barraco, jogam tudo no bicho. Barraco deprime. Dá a impressão que a vida não se lembra da gente. Ao invés de cuidar da alimentação: um jantarzinho com um bom bife, uma salada de rabanete, um ovinho à la ostra, gastam tudo em cachaça, em amuleto e vela pra acender pra São Jorge. Não pode! Não pode! Vocês precisam mudar o estado de espírito de vocês. Brigam o tempo todo, não trabalham direito, esbanjam dinheiro, vivem doentes. Desistem de viver. Você não são pobres, não! Vocês são desorganizados. Precisam um pouco de ginástica. Um, dois, um, dois, um, dois. . . Olhar a vida cantando. A vida é bela! A vida é bela! Olhar a vida cantando: "A vida é bela, ó, Maria. . ."

Sorrisos! Confiança!

OPERAR. — Vai aumentar o salário ou não, ó, pagão?

ESTUD. — Não é possível o aumento. Compreendam. O custo de produção subiu muito. (*Os operários caem em cima dele.*)

OPERÁRIO — Salada de rabanete, não é, glostora? Casa com quintal e jardim? Que tal se a gente põe uma piscininha? Pega bem? Sorria! Sorria! A vida é bela, ó, Maria!... (*Saem. O estudante fica caído.*)

ESTUD. — Já deu pra descobrir que Ciência Social Não é a mesma coisa que Dia de Natal. Faculdade forma cientista, diz o bedel. É mentira. Forma, no duro, Papai Noel, Que termina mal.

(*Volta para a sala de aula. Enquanto isso passa o bedel.*)

* BEDEL — Arquitetura. Arquitetura.

Todo homem precisa de um teto.

Se existe alguém na abertura,

Vivendo onde ninguém atura,

Algo há que não está correto.

PROF. — (*Na primeira gravura vê-se uma coluna jônica.*) Nos três últimos anos fizemos um estudo até certo ponto aprofundado da coluna jônica. Pena que o curso só tenha cinco anos. Para absorver o significado íntimo desta coluna é preciso uma vida, uma eternidade. Às vezes chego a pensar: a humanidade existe para conter a coluna jônica. Sei que é fresca. . . mas, que posso fazer? Vamos agora aos detalhes desta maravilha! (*Vira a gravura. Capitel da coluna jônica.*) Temos visto na cadeira de Colunística Analítica e Compenetrada a importância do estudo minucioso dos capitéis. Uma coluna sem capitel é como um casal de amantes sem cama. Vamos, nos dois anos que nos restam, surpreender os aspectos, os aspectos mais sutis da referida parte magna da coluna. Vejamos este, por exemplo. . . (*Vira a gravura. Uma fotografia de favela. Os alunos murmuram. O professor fica estupefato.*)

ALUNOS — Que é isso, professor? É arquitetura? É casa de pombo? É tiro ao alvo? É quebra-cabeça? É Picasso?

PROF. — Isso é tanto objeto de arquitetura quanto um cachorro sarnento o seria de medicina. Bem, satisficamos a curiosidade juvenil. Trata-se de uma favela, habitação popular que não sofre a mínima interferência de arquitetos, adquirindo assim esse aspecto rude e desagradável. Isso está fora do âmbito de nossa profissão, porque tanto as casas como a disposição delas são planejadas e realizadas unicamente pelos habitantes do morro. Mais comumente conhecidos como favelados. Como vêem, eles mesmos dão conta do recado. Logo, não vale a pena perdermos tempo com isso. Voltemos ao nosso capitel jônico! (*Vira a gravura. Detalhe mínimo da coluna.*) (*Entra o bedel.*)

BEDEL — História. História.

Vida e amargura do homem.

Onde sempre muitos trabalham.

E tão poucos,

Tão pouquitos, comem!

PROF. — Às oito e dezessete da manhã de seis de setembro, D. Pedro acordou. Botou sua cueca verde. Há controvérsias a esse respeito. Muitos dizem que ele colocou sua cueca azul. Muitos chegam a afirmar que D. Pedro não usava cueca. Prefiro a cueca verde, seguindo a linha adotada pelos historiadores mineiros, pernambucanos e brasileiros em geral. Tomou chá com limão. Chá de erva-de-bicho. Chá de erva-de-bicho! Anotem bem esse ponto! Sem chá de erva-de-bicho, D. Pedro proclamaria a independência? Somos independentes por causa do chá de erva-de-bicho? Pena que D. Pedro não nos possa responder. . . De minha parte, prefiro uma posição moderada: talvez sim, talvez não. Às nove e dezessete D. Pedro deu o seu primeiro arrote. José Bonifácio teria declarado ao ouvir o arrote: "Ih! Aí vem coisa". Repito: "Ih! Aí vem coisa". Pedrão: "Ih! Temos coisa". Isso! não se sabe se ele se referia a um furúnculo que lhe estalava nas nádegas ou se comentava a situação política brasileira. De qualquer maneira, podemos afirmar que a causa principal da declaração da independência do Brasil é o fato notório de que o Brasil não era independente. Boa tarde! (*Os estudantes ficam; de novo passa o bedel.*)

* BEDEL — Direito. Direito.

Premiar o bom.

Punir o mau.

Só que é o mau que faz lei.

Só que é o mau que é rei.

O bom que se vire! Terminei!

PROF. — A introdução à ciência do Direito é a ciência que estuda tudo aquilo que é introduzível ao Direito. Não, não é bem isto. . . Pera aí. . . Deixa eu ver. . . É sim. . . Porcaria, agora eu não sei ao certo. Direito. Bem. . . É essa bagunça que tem por aí. . . Como se pode definir. . . Sim, agora me lembro! É a ciência. . . Ora, que joça, não é que eu me esqueci de novo? Puxa que azar! Também, com uma turma como essa de vocês, não dá pé! Ah! Lembrei. Direito é o que dá pé!

(*Ficam estáticos. Passa o bedel.*)

* BEDEL — Economia. Economia.

Faculdade da mais-valia.

Onde o aluno aprende

Que João & Companhia

Nunca, nunca entram em fria.

PROF. — Nosso assunto é o homem. Nós estudamos Economia. É a ciência que organiza o homem em seu contato mais prático com o homem. O homem tem que lucrar. Não importa sobre o que, nem sobre quem. Lucro! Lucro, meu chapa! Podem dizer que o lucro é desumano, que lucrar é um verbo sem lógica nem entranhas. Mas o negócio é que o homem do jeito que está, tem de lucrar! Lucrar! Por isso, te vira, velho! Te vira! Sai por aí no meio da rua que nem um possesso e inventa, cria, bola, castiga o meio mais eficiente de lucrar! Te vira! Boah! (*Ficam novamente estáticos.*) (*Passa o bedel.*)

* BEDEL — Filosofia. Filosofia.

Preocupada com o sexo dos anjos.

Em encontrar onde está a alma humana.

Filosofia. Filosofia.

A razão é tudo ou é um arranjo?
Filosofia. Filosofia.
A polícia está botando operário em cana.
Muita criança morre antes de ser marmanjo.
E você, Filosofia, que nos diz?
Diz: que se danem!

PROF. — O problema que hoje vamos discutir é de uma importância transcendental meus amigos. Trata-se da existência do não-homem ou da não existência do homem; seria mais próprio dizer, da existência do não-ser ou da não existência do ser, ou melhor, da existência do nada, existência esta que se dá em termos absolutos, excluindo, por completo, aquilo que certos filósofos chamam de real. Meus amigos. (*Pausa.*) Trata-se de provar que o real, como assim o chamam, não existe e que só o irreal é verdadeiro. Em outros termos, diríamos que o que os outros chamam de real nós dizemos ser irreal e o que chamam eles de irreal, consideramos nós como real. Mais claramente: o ser deles é o nosso nada e o nada deles é o nosso ser. Fácil será estabelecer a dificuldade em definir o ser. Começaríamos definindo o ser como aquele que é... Logo depararíamos com um flagrante ferimento à lógica formal, fazendo aparecer na definição de "ser" o elemento "é", já contido portanto no conceito que pretendemos definir. Se formos para o plano que certos filósofos chamam concreto, mas que, cá para nós, nós consideramos abstrato, veremos o quão impossível se torna a definição do ser. Vejamos um exemplo: onde viram os senhores *O triângulo* e *O miríagono*? E *o poliedro*? E *o ângulo*? E *o losango*? (*Num crescendo.*) E *o diedro*? E *a sinfonia*? E *a guerra*? E *a pátria*? E *o latido*? Au, au, au. *A luz*? *A beleza*? *A virtude*, *a fome*? *O charme*? Ah! *O charme*! E *a marinha*? E *a religião*? Quem de vós viu ou pegou *a religião*? Ou qualquer dos elementos antes propostos? Pergunto-vos, finalmente, quem de vós viu *o ser*? Quem de vós? Quem de vós? (*Arrota.*) (*Silêncio total.*) (*Professor a um aluno.*) *O senhor*, que é que esta pensando agora?

ALUNO — Nada, professor.

PROF. — Está aí! Está aí! Ele não está pensando nada, logo, ele não existe, pois Descartes disse — penso, logo existo. E assim, eu chego à conclusão, dramática, não posso esconder, que nosso querido amiguinho aí sentado não existe? (*Aluno urra.*) E assim, meus não-discípulos, que vocês não existem! E porque não dizer, eu, eu, pasmem!, não existo. (*Solta um urro.*) Eu sou o nada! (*Gritando.*) Eu sou o nada! Esta aula não existe! (*Solta vários urros e repete várias vezes.*) Esta aula não existe! Vocês não existem! Eu sou um não-professor. Vocês são uns merdas!

ALUNOS — (*Enquanto isso os alunos gritam, urram, latem.*) Belzebu, Belzebu, vai comer angu!

ALUNO 1 — Galia est divisa in partes tres.

ALUNO 2 — O não-objeto é a objetivação do subjetivismo não conceituável! (*Ri e chora.*)

ALUNO 3 — Ela se move! Eu sei. Se move!

ALUNO 4 — Quem?

ALUNO 3 — Minha mão! Se move!

ESTUD. — Estamos todos em forma.

Pela reforma que não virá.

O reitor nos informa

"Como reforma?

Se Universidade não há?"

(*Entra o coro de alunos.*)

CORO — Cátedras do Brasil, parasitas da Nação!

Que bela lição!

ESTUD. — A Universidade é uma quimera, uma balela-

Um conto de Fada, uma conversa fiada.

CORO — O colega pode crer, o colega há de saber.

ESTUD. — Que é um cabide de emprego, um lugar de sossego,

Onde a professorada que não sabe o que diz,

Fica boba e intrigada com o progresso do país.

CORO — Cabide de emprego, lugar de sossego.

O colega já morou

Essa cambada não é de nada!

O que sabe, decorou!

ESTUD. — Quem já viu burro pastar?

Quem já viu burro voar?

Se tiver necessidade

De ver burro ensinando,

Se tiver curiosidade

De ver burro educando,

Pode ir logo se matriculando

Na nossa Universidade.

CORO — O colega já morou

Bem melhor, bem mais louvável,

Bem melhor, bem mais saudável,

É uma academia de judô.

Cabide de emprego, lugar de sossego.

ESTUD. — Professor sem concurso, não pode dar curso, só sabe discurso.

Se sente ansiedade, o mestre não hesita

Em vomitar besteira

E dar lição de asneira.

Não numa cocheira

Mas na nossa Faculdade.

CORO — A Universidade é como uma casinha fedorenta

E o professor quando não mais se agüenta

Vai para a Faculdade fazer necessidade

Logo em cima da cabeça da nossa mocidade.

Cabide de emprego, lugar de sossego!

ESTUD. — A juventude aturdida,

Que não entende a lição,

Exclama surpreendida:

"Deus do céu! Que erudição!"

Mas o douto catedrático

Explica de um modo didático

"Meus queridos, é preciso,

Vós sois o receptáculo do saber".

CORO — Colegas, estudar é um privilégio

Dos que foram para o colégio

À custa do papai e da mamãe.

Colegas, nenhum de nós é operário,

Nenhum de nós camponês.

Estudamos dos salários

Dos filhos dos operários

Dos filhos dos camponeses.

Colegas.

Cabide de emprego, lugar de sossego!

ESTUD. — Pra quem nunca soube, pra quem nunca ouviu

Deixa que eu conto como é que surgiu
A Universidade no Brasil. (*A fala seguinte não é cantada, mas há um fundo musical.*)

Um dia, um turista mal informado perguntou para um sujeito metido a engraçado: por favor, cavalheiro, aquele prédio ali é a Universidade? O sujeito acanhado de não saber responder, resolveu dizer: imagino que seja, imagino que seja. Chegando em casa, o sujeito falou: encontrei um turista, e a mulher perguntou: onde encontrou? De brincadeira o o sujeito falou: imagina onde? A mulher parou, imaginou e disse, com mordacidade: vai ver que foi na Universidade!

CORO — A Universidade é um fruto da imaginação

Dos grandes vultos do nosso passado
Nasceu da visão, da previsão, da ambição
De todos que vivem, dos que são enganados
E como ninguém se insurgiu contra o que ninguém nunca viu

A empulhação foi crescendo
A mistificação foi vencendo
E, de casa em casa, batendo
De boca em boca correndo,
A balela tanto engrossou,
O país tanto se encantou,
Com o que todo mundo sonhou,
Que a nação dormiu, dormiu, dormiu!
E até hoje ninguém descobriu
Que nunca houve Universidade no Brasil!
(*Coro com bedel à frente. Saem badalando.*)

ESTUD. — O que eu vi os olhos me abriu

A Universidade há muito tempo existe
Mas nunca se lembrou do Brasil.
Vou contar, vou falar, vou denunciar:
A alienação precisa acabar.
(*Saem. Entra de novo o bedel, com um cartaz: "Hoje — Reunião da Egrégia Congregação".*)

BEDEL — A Congregação vai se reunir,

Não é permitido rir,
Não é permitido gozar.
Muito melhor é chorar.
(*Entram quatro velhinhos. Um, caindo aos pedaços, senta-se na cadeira e dorme.*)

VELHINHOS — Reunião da Congregação.

Aqui nós forjamos a Nação.
Se saiu essa esculhambação
É porque aluno não presta atenção.
Ou será que não?

VELHO 1 — Está aberta a reunião.

VELHO 2 — Vamos cantar o nosso hino.

CORO — Da Faculdade não saio,

Daqui ninguém me tira.
E o dia em que eu encapotar,
É o meu filho,
É o meu filho,
Que virá pro meu lugar!

VELHO 1 — Primeiro ponto da reunião: o professor Danton Nobre, assistente da cadeira de Filosofia, deu duas aulas além das previstas sobre marxismo e existencialismo.

VELHO 2 — Que se suspenda o contrato!

VELHO 3 — D'accord!

VELHO 1 — O contrato será suspenso. Segundo ponto: um pedido do Diretório de Estudantes...

VELHO 2 — (*Interrompendo.*) Estudantes? Estudantes?... Ah! Estudantes. Claro!

VELHO 1 — Pedem uma mudança no horário de aulas para que os alunos tenham tempo para fazer um movimento de alfabetização.

VELHO 2 — Absurdo. O horário é intocável. É a alma da disciplina. Absurdo!

VELHO 4 — (*Acorda.*) Como é?

VELHO 2 — Absurdo!

VELHO 4 — Surdo é a sua mãe! (*Dorme.*)

VELHO 2 — Os alunos estudam, não alfabetizam. Para alfabetização existem escolas por aí. Só não se alfabetiza quem não quer...

VELHO 1 — A resposta ao Diretório será não!

VELHO 3 — D'accord!

VELHO 1 — Uma comissão de professores recém-admitidos em nossa casa pede verbas para bolsas de estudo e para aumentar as instalações da faculdade a fim de receber alunos novos.

VELHO 2 — Voto contra. As verbas já têm destino. Precisamos instalar ar refrigerado nas salas de reunião, precisamos aumentar nossos salários, a escada perdeu seu friso doirado, o mármore da entrada de nossa casa se estragou todo. Não é possível!

VELHO 3 — D'accord!

VELHO 1 — Sábias e prudentes palavras.

(*O estudante entra de chofe. Atrás o bedel o segura.*)

BEDEL — Ninguém pode entrar na reunião da Congregação! Ninguém!

ESTUD. — Mas eu tenho coisas importantes para dizer!

BEDEL — Não pode!

VELHO 1 — Silêncio!

BEDEL — Perdão, Excelência. É este estudante...

VELHO 1 — Ponha-se daqui para fora, jovem!

ESTUD. — É preciso que me ouçam. Escutem!

VELHO 1 — Queira se retirar. A disciplina de nossa casa...

ESTUD. — Não é tempo de pensar em disciplina. Há coisas muito mais importantes que a disciplina. Há a vida. É sobre a Faculdade. É pra mudar tudo. Vim ajudar. Me escutem!

VELHO 4 — (*Acorda.*) Quer parar com esse berreiro que eu quero dormir, omessa!

ESTUD. — (*Bedel o segura.*) Me larga!

BEDEL — Não!

VELHO 1 — Ponha-se daqui para fora!

ESTUD. — É preciso mudar tudo, professor. As coisas que se ensinam aqui nós não usamos, ou não são verdadeiras, ou são mentidas, ou são esquecidas, ou são roubadas! Nós saímos daqui jovens e ficamos velhos em duas semanas numa monotonia de estupidéz que ninguém agüenta!

VELHO 1 — Largue esta criança!

BEDEL — Mas professor!

VELHO 1 — Largue esta criança! (*Bedel larga.*) Mudar a Faculdade, jovem? Mudar esta casa que entregou ao Brasil seus maiores vultos, que deu a esta terra

sua paciência e seu amor? Mudar esta faculdade que acolheu Rui Barbosa, Barão do Rio Branco, Olavo Bilac, Epitácio Pessoa, Washington Luiz, Rodrigues Alves, D'Artagnan?

VELHO 2 — D'Artagnan não, Excelência.

VELHO 1 — D'Artagnan não Washington Luiz, Duque de Caxias, Osório Duque Estrada, Vicente Ramos...

VELHO 2 — Vicente Ramos? Não conheço.

VELHO 1 — É o vovô! Esta faculdade! Respeito criança! Aqui se formam gigantes! Respeito criança!

ESTUD. — Professor. Me entenda, professor. Sou eu que sei. A Universidade é minha, não é sua. Sou eu que sei. É ruim. Não está certa. Falta tudo. É chata, é burra, é melancólica, é desinteressada, é covarde. Nós somos gente. Tem que respeitar a minha vida, professor. É preciso fazer os outros viverem! Todos viverem!

VELHO 1 — E não respeitamos a vida, criança? Não respeitamos? Meu cabelos estão encanecidos, meu olhos já perdem seu brilho, minhas mãos perderam sua firmeza. Tudo por você, criança. Tudo para ensiná-lo!

ESTUD. — Não foi por mim, professor. Foi por sua causa. Para ter prestígio, para ter posição, para não precisar lutar pela vida, para não se engalfinhar nela. Já saiu dela. Preciso ferramenta, professor. Não de palavras bonitas e empoladas. Preciso que gastem mais comigo, professor. Quero aulas melhores, professores menos cansados, quero lugar para praticar, lugar para discutir. Não posso ir cair de quatro lá fora, professor! Sou gente. Tem que respeitar minha vida. Quero que mais gente estude, quero que mais gente pense. Esta Faculdade está fechada, professor! Só entra aqui dentro quem já tem sua vida garantida à custa dos outros. Gente assim não precisa estudar. Basta se ilustrar para ter o que dizer em noites íntimas, em noites sociais!

VELHO 1 — Faculdade é fechada por princípio, criança. A cultura foi feita por todos ou foi feita por Aristóteles, Tomás de Aquino e mais uns poucos? Quem? Quem mais pensou no mundo? É absorver os mestres e venerá-los, criança. Este é o nosso dever. A humanidade precisa ser dirigida sempre. Deus não é camelo de graças. Ele ilumina a poucos. Esses poucos que fiquem juntos, enclausurados, longe das imundícies e das pequenezas do mundo. Sem eles, sem os lúcidos, o mundo seria só abjeção!

ESTUD. — Não, professor. É o homem que pensa, é a humanidade que trabalha. Quantos mais estiverem lúcidos de sua vida e de seu destino, mais homens seremos. Mais próximos estaremos de nós mesmos, dos nossos motivos, dos nossos descaminhos. É preciso abrir a Faculdade!

VELHO 1 — Faculdade não é Parque Shangai, criança! Faculdade não é Maracanã! Aqui só entram os escolhidos. Os não contaminados do mundo e da safadeza! Só os que carregarão o peso da vida e da decência. Só aos devotos da verdade estas portas estão abertas! Esta casa é a tradição ela mesma. Tudo nesta casa tem um significado especial. Esta sineta, por exemplo, serviu para que Anchieta chamasse os índios para a primeira aula e hoje chama vocês para ensinar os mesmos valores que naquela época eram defendidos pelos jesuítas. Sinta a pressão minha criança! São coisas que não se desfazem num dia, atravessam séculos e não há "progresso científico" capaz de mudá-las. A Universidade é como o Lacerda: não muda, não sai do lugar!

ESTUD. — Abaixo a Universidade! Abaixo os velhos! Esperem! Vou à forra! Há de haver alguém no Brasil que se interesse por nós! Esperem! (*Sai. O bedel sai atrás. O Velho 4 volta a dormir. Os velhos se recompõem. Voltam ao seu lugar de reunião.*)

VELHO 1 — Insolência!

VELHO 2 — A juventude me desilude. Só deviam existir velhos no mundo.

VELHO 3 — Velhos e velhas.

VELHO 4 — Velhos e mulheres. Dessa vez eu ouvi! Dessa vez eu ouvi! (*Volta a dormiricar.*)

VELHO 1 — Excelências: que se danem os estudantes, Excelências! Vamos ao último ponto. Deixei-o para o final por sua magna importância! Capital importância! Como deve ser chamado o membro desta Egrégia Congregação? Deão ou decano? (*Pausa.*)

VELHO 2 — Não é fácil.

VELHO 3 — D'accord!

VELHO 2 — Deão. (*Experimenta.*) Deão. (*Entusiasma-se.*) Deão! Lembra leão! Lembra força! Creio que sou por deão!!

VELHO 1 — Deão? Muito bem. Seremos deões então?

VELHO 2 — Ai! Deões! Esqueci que o plural de deão é deões! Deões é muito feio. Deões soa mal. Parece gente suja, que não se asseia... Deões? Não!

VELHO 3 — D'accord!

VELHO 1 — Então só nos resta decano.

VELHO 2 — Com cano no meio!

VELHO 1 — Não temos outra alternativa.

VELHO 2 — Nos resta o consolo de que todas as universidades usam o termo decano. Assim serão estreitados os laços de amizade entre os povos.

VELHO 3 — Tenho uma sugestão: os taizões!

VELHO 2 — Taizões, taizões? Lembra Tarzã. Não pode. (*Lembra.*) Os pelés!

VELHO 3 — Os Sabidinhos!

VOZES — (*Aglomeram-se. A luz vai diminuindo.*) Os Bons de Bola! Velhinhos do Barulho! Os Gostosões do Saber! As Estrelinhas do Brasil! Os Soldadinhos da Cultura!